

X (ou?)

Não tens título, texto...

Dizem os especialistas em especialidades explicativas, que as diversas formas pelas quais os humanos se exprimem traduzem uma época.

Sendo assim, texto, não sei como te devo chamar, porque nem a sombra que salta e voa desta árvore para a outra, cruza os céus e olha-nos de cima, nem a sombra na sua tão bela imaterialidade visível, saberá dizer o que tentamos exprimir. Vivemos, nós, os sonhos, as luzes, os sóis de infintos universos em explosão, os olhos verdes e fundos do gato que nos lê o ser, embaraçados com esta época que nos trespassa, pela qual tantas vidas vimos e vemos partir, a que assistimos sem entender, ter, não ter, vemos sem ver... O que exprimimos são inquietudes, incapacidades, temos de esperar. Um pouco como raivas adiadas, a tudo nos habituamos, nós, os olhos do gato, a bela sombra, os universos infinitos que mesmo assim aumentam.

Nascemos já com muitos anos, não temos mãos de crianças, mesmo quando clareia não enxergamos os mendigos, sossegamos nos vapores destas cidades que nos absorvem. Não temos compaixão, matámos a imaginação, reduzimo-la a reflexos nas águas de um lago. Os sonhos são ilusões ocas nas quais nos queremos rever, fingir nossos os triunfos dos profissionais de espectáculos desportivos, vitórias que amamos e nos são indiferentes, derrotas que nos magoam, mas nos deixam depressa, porque não fomos nós quem perdeu. Este sentido que não tem sentido, é espelho partido em grãos de areia, repartido, num ritmo ditado por "usar e deitar fora".

É esse caleidoscópio de sinais diferentes que me levou a chamar-te apenas "X", texto, porque contigo converso enquanto te escrevo. Dedico-te a todos que gostariam de te ter como criatura mas nunca o dirão, pensando-se capazes de gerir a sua própria falsa indiferença. Eles sabem, como eu, que vivemos na época própria para engarrafar o ódio. Vamos continuando tarefas educativas, explicando aos outros o que não sabemos até porque não sabemos, nem conhecemos quem saiba. Assim acabaremos por demonstrar o contributo do nabo para o luar de Agosto, a necessidade de pescar o peixe todo até não haver mais, a bondade da poluição planetária ou a excelência da produtividade dos imigrantes que queremos ao mesmo tempo expulsar.